

Documentário*Fazenda Santa Maria do Monjolinho*

LUIZ FLÁVIO DE CARVALHO COSTA

E-mail: flaviodecarvalho@me.com

Doutor em História pela USP, professor e pesquisador do Programa de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da UFRRJ

Próxima do núcleo urbano do município de São Carlos (SP) encontra-se a fazenda Santa Maria do Monjolinho, de propriedade da família Malta Campos. Esta empresa rural, de 1.500 hectares, conservados desde a abertura da fazenda em 1850, tem hoje como principal atividade econômica o plantio da cana-de-açúcar para fornecer a matéria-

1 - A fazenda é reconhecida como patrimônio histórico e tombada pelo Condephaat. Seu acervo foi catalogado e registrado em projeto do arquiteto Candido Malta Campos Filho e da bibliotecária Vera Zavaglia Malta Campos

prima às usinas de açúcar e álcool da região; e mantém paralelamente outras atividades como o plantio de café, milho, soja, a criação de ovinos, cavalos e o turismo rural. Seu patrimônio material e imaterial, ricos e bem conservados, faz da Santa Maria uma fazenda de especial interesse de observação, e provoca em quase

todos que a visitam o reconhecimento dos esforços das várias gerações de proprietários, desde sua abertura, em criar, manter e conservar uma riqueza pouco comum em nosso meio rural.

[1] São esses os motivos mais fortes que

Síнопse

Baseado em entrevistas com Decio Luiz Malta Campos, um dos proprietários da fazenda Santa Maria do Monjolinho, São Carlos (SP), o documentário reconstitui parte da história da fazenda, aberta em 1850 para o plantio de café, e apresenta seu rico e bem preservado patrimônio cultural.

Título: *Fazenda Santa Maria do Monjolinho*

Gênero: *documentário*

Realização/direção: *Luiz Flávio de Carvalho Costa*

Ano: *2011*

Duração: *31'40"*

Cor: *Colorido*

Bitola: *Vídeo*

País: *Brasil*

Local de Produção: *São Carlos, SP e Rio de Janeiro, RJ*

Vídeo disponível em:

www.facebook.com/centrodememoria

despertaram nosso interesse em registrar tal patrimônio em linguagem videográfica, aproveitando fotografias, imagens em movimento e a transmissão oral da memória de Décio Luiz Malta Campos, um de seus proprietários, resultando enfim no filme/documentário intitulado *Fazenda Santa Maria do Monjolinho*, que aqui apresentamos.

A integração dessa região à economia da Província de São Paulo ocorreu mais firmemente a partir da década de 1870 com a formação de algumas fazendas de café, estimulada pela chegada da ferrovia em Rio Claro (1876) e também diante das obras do prolongamento da estrada de ferro em direção a São Carlos e Araraquara. Aliás, as razões do surgimento deste núcleo urbano diferem daquelas que lhe deram origem a partir do seu primeiro desdobramento, o termo de Araraquara. A criação da freguesia de São Bento de Araraquara, em 1817, fundamenta-se na fixação do homem no sertão, no esforço de penetração e de conquista territorial, com base na economia de criação do gado bovino, de porcos e na produção do açúcar. Em contraste, São Carlos, como dezenas de cidades paulista do século 19, teve a sua formação decorrente da economia cafeeira, tipicamente é o que podemos chamar de uma das “cidades paulistas do café”. As terras da Santa Maria foram adquiridas em 1850 pela família Camargo Penteado, provavelmente como

forma de assegurar terras em um momento de valorização relativamente pequena desse recurso no planalto ocidental paulista, quando a produção agrícola, sobretudo a cana-de-açúcar, e a criação de bovinos e de suínos nessa região eram pequenas no isolamento daquela fronteira em relação aos mercados consumidores. Mas, logo as condições de produção e facilidades de escoamento criadas pela estrada de ferro mudaram o ritmo de ocupação e da atividade agrícola, de tal forma que em 1878 São Carlos tem registrado mais de 5,8 milhões de pés de café, incluindo as plantas jovens. [2]

Uma referência à situação da jovem vila de São Carlos, encontrada em um mapa cartográfico manuscrito de 1867, nos parece bem sugestiva da transição que ali se opera, de reorganização das paisagens (nos múltiplos sentidos dessa palavra), para tirar a região de sua condição marginal na economia e na sociedade da Província paulista:

“A pequenina vila de São Carlos na Província de São Paulo, que tem apenas onze anos de existência, torna-se notável pelo seu rápido engrandecimento em população e comércio, assim como pela alta lavoura e criação de gado, poderosos incentivos para a sua manutenção e progresso. Os recursos pois,

2 - Cf. Vidal, B. A. S., *Estudo histórico e geográfico da cidade e do município de Araraquara*, in: Antonio França (org.), *Álbum de Araraquara, 1915*, p. XLIX, fac-simile por Antônio A. C. Silva.

para uma força [militar] que por lá transitar, são de fácil aquisição, abundantes e por preços assaz razoáveis. Sob o ponto de vista arquitetônico, encontram-se ali edifícios construídos com arte e gosto, em alguns dos quais se ostentam magníficos estabelecimentos comerciais de fazendas, ferragens e diversos outros gêneros. Contrasta entretanto com os progressos da vila de São Carlos a decadência, se bem que insensível, continuada da vila de São Bento de Araraquara na mesma província, e outrora bem florescente, devido a causas que a estreiteza do tempo não nos permite apreciar e sobretudo a ruína quase plena em que se acha a vila de Santana do Parnaíba, onde além de outros inconvenientes, concorre poderosamente para a sua queda a epidemia de febres intermitentes que periodicamente a invade (...).[3]

Entre as inúmeras unidades produtivas desse novo tempo encontra-se a fazenda Santa Maria do Monjolinho. A diminuição dos custos de transporte e a alta dos preços internacionais do café na década de 1870, ainda que na crise da mão-de-obra para as lavouras, aumentaram as oportunidades de negócios. Ali, a produção de café gerou riquezas, e parte delas foi convertida em edificações de moradia e de produção, assim como provocou um outro modo de vida no trabalho e no ambiente doméstico. Temos aqui duas dimensões de igual interesse, quais sejam, os objetos reclamados e gerados por esse modo

de vida e, também, suas manifestações no que se refere a comportamentos e técnicas do fazer.

O documentário *Fazenda Santa Maria do Monjolinho* foi realizado no âmbito do projeto de pesquisa “Patrimônio Cultural Rural Paulista”. Suas filmagens ocorreram na segunda metade de 2010 na própria fazenda, durante três visitas, tendo como principal referência um de seus proprietários, Decio Luiz Malta Campos. Nossos propósitos foram claros: registrar – por meio de imagens estáticas e em movimento e, sobretudo, por meio da oralidade centrada na pessoa de Decio Luiz – seus bens culturais e a memória preservada para a sua história.

Busca-se aqui tomar as entrevistas como fontes para a compreensão do passado, complementadas pelo olhar sobre os bens pertencentes a esse passado, criados nesse passado e que dele são seus indícios, suas fontes, igualmente. O resultado tem para nós um duplo significado. Primeiramente, somos apresentados

3 - Itinerário topográfico da marcha da Força Expedicionária a Província de Mato Grosso desde São Paulo até o Coxim compreendendo a estrada que da cabeceira de Boa Vista se dirige à cidade de Campinas por Sant'Anna do Paranaíba, São Francisco de Salles, São Bento de Araraquara, e a parte da estrada-geral que do rio Paranaíba se dirige a Cuiabá pela capital de Goiás segundo as observações de d'Alencourt, construído e oferecido ao Governo de S. M. O Imperador pelo Capitão do Estado Maior de 1ª. Classe B.^{el} Capitolineo Peregrino Severiano da Cunha, membro da Comissão de Engenheiros junto à Força Expedicionária. 1867.

à memória (disponível e encontrada no momento em que recolhemos as informações) da própria fazenda Santa Maria do Monjolinho. Em segundo lugar, percebemos que a memória da fazenda é em largo sentido a memória de uma época, de uma região, e que pode mesmo servir para generalizações ainda maiores, uma vez que ali acontece, no microcosmo de uma unidade produtiva, o que é observado nas grandes manifestações pelo olhar mais abrangente. Em outras palavras, reproduzem-se localmente fenômenos e eventos que ocorrem em plano superior – ali estão a nossa política, nossa cultura, nossa economia, algumas de nossas maneiras de viver em sociedade, marcadas pelo tempo, coladas ao exterior, como um espelho que pode reproduzir em tamanho reduzido um mundo bem mais vasto e, por isso mesmo, muitas vezes mais fácil de se olhar.

O relato oferecido pelo entrevistado nos dá essa ideia de que tudo que acontece na fazenda tem correspondência na sociedade maior. Os temas mais caros de nosso passado, os acontecimentos de grande significado, as dificuldades, as soluções, os ganhos, as perdas, a intolerância e a conciliação, tudo se condensa em um microcosmo que reproduz seu universo envolvente.

Acompanhar o relato contido no documentário – marcado acima de tudo pela fala do entrevistado, porém maior do que a narração pessoal –, coloca-nos diante de vários momentos decisivos da história brasileira contemporânea. Por ali, na intimidade de 1.500 ha,

passam os nossos grandes temas nacionais. A fazenda Santa Maria foi aberta em momento de crise da mão de obra escrava no Brasil. Italianos, japoneses e nordestinos fizeram parte do cenário do trabalho, em regime de colonato, parceria ou assalariamento. Parte da mão-de-obra imigrante foi absorvida pela cidade de São Carlos, expressando a divisão social do trabalho e também como parte da lógica da acumulação cafeeira, urbana em grande medida. Igualmente, a busca de ascensão social é um forte motivo para o abandono do campo. A estrutura social da fazenda também aparece dividida nas diferentes especialidades, refletindo um mundo rural mais complexo à medida que o tempo passa e as atividades em todos os sentidos se tornam mais diversificadas. Particularizando o mundo do trabalho, a divisão social aumenta com o surgimento de outras ocupações, criando especializações em uma nova organização interna. Além do próprio trato do café, com suas divisões de tarefas da lida na terra segundo as estações do ano e do beneficiamento, a propriedade abriga na sua evolução formas mais variadas de trabalho – a criação de animais, os cuidados com os muare, o arreamento das carroças, a diversificação da agricultura comercial, a utilização de maquinários, o cultivo de hortas etc.

Questões como transporte, queda do preço do produto, excessivo aumento da produção, a crise internacional de 1929 estão claramente presentes na história dessa unidade produtiva, que vive tais fenômenos à sua própria maneira. No entanto, não é apenas no plano econômico

e produtivo que a fazenda Santa Maria do Monjolinho apresenta manifestações particulares. Vamos encontrar também expressões locais da cultura e da moral próprias de uma sociedade em momento de afirmação social e de controle político: o prestígio social que a elite agrária paulista buscava e cultivava manifesta-se em vários momentos do documentário, da busca do título de barão aos conflitos familiares diante de casamentos entre pessoas de famílias socialmente desiguais.

Na década de 1940 e 1950, a fazenda viveu as transformações que nossos estudos sociais e econômicos chamaram muitas vezes de “modernização” ou “industrialização” da agricultura, com a introdução de novos cultivos, sobretudo o da cana-de-açúcar em terras paulistas, a mecanização, o uso mais intensivo da mão-de-obra assalariada, a maior integração dos sistemas produtivos em cadeia, inovações em tecnologia mecânica, química e biológica etc. A fazenda Santa Maria guarda na sua história a passagem desses dois momentos distintos do desenvolvimento brasileiro, não sem os conflitos que a nova fase trouxe com suas ameaças generalizadas de empobrecimento da paisagem. Foi nesse contexto que o nosso mundo rural passou por um período de grande perda do seu patrimônio cultural, quando a chamada modernização da agricultura levantou-se contra os bens culturais que supostamente se colocavam como obstáculos no caminho de

sua realização, desfazendo casas, terreiros de café, senzalas, colônias de moradia, maquinários, pomares, reservas florestais, nascentes, cursos d’água, a pequena agricultura diversificada dentro da monocultura, receitas de bolos, festas juninas, moda de viola, álbuns de fotografias. Nossa paisagem tornou-se mais pobre.

Nem todas paisagens, felizmente, passaram pela sucessão redutora frequentemente imposta pela nossa contemporaneidade. A crônica da fazenda Santa Maria não fala da perda, da destruição; não nos informa sobre o desaparecimento das realizações do passado. Contrariamente, expõe os bens culturais conservados pelos quais nossa identidade regional tanto se beneficia. E isso é feito por meio de uma narrativa oral estruturada e controlada na maior parte das vezes. Entretanto, em alguns momentos a narrativa *escapa do controle*, sobretudo nos últimos momentos da entrevista quando o encontro assume o tom de conversa e o entrevistado desapega-se do ritual narrativo para entregar-se à espontaneidade de suas memórias e de suas convicções. A fazenda Santa Maria do Monjolinho integra um conjunto relativamente pequeno de propriedades rurais paulistas que manteve admiravelmente, com cuidado, parte significativa das riquezas material e imaterial criadas por gerações, patrimônio este que dá sentido ao nosso passado e que nos mostra um pedaço de nossas melhores realizações.